Biblioteca DIGITAL CÂMARA

CÂMARA DOS DEPUTADOS

JORNAL DAS TRINCHEIRAS

n. 1

1932

Biblioteca Digital da Câmara dos Deputados
Centro de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca
http://bd.camara.gov.br

"Dissemina os documentos digitais de interesse da atividade legislativa e da sociedade."

Num. 1
AGOSTO
14
DOMINGO
1932

Jornal das Trincheiras

Orgão da Revolução Constitucionalista

Este jornal é redigido e publicado pela Liga de Defesa Paulista, por incumbencia do Comando Supremo do Exercito Constitucionalista.

O MANIFESTO DO GENERAL KLINGER

No dia 9 do corrente, quando se completava um mês da campanha pelas armas para o regresso do Brasil ao regimen da lei, o general Bertoldo Klinger, comandante em chefe do Exercito Constitucionalista, dirigiu de viva voz um manifesto á Nação, o qual foi simultaneamente irradiado pelas principais estações emissoras do Estado. Publicado, no dia seguinte, pelos jornais, esse valioso documento teve ampla divulgação.

Julgamos, entretanto, dever reproduzi-lo mais uma vez. Desejamos que cada um dos soldados que, nas varias frentes de combate, lutam pela causa sagrada da Constituição, releia e medite as palavras do seu general. Ha, na oração do general Klinger, periodos que merecem ser atentamente estudados e guardados na memoria dos nossos soldados, palavras que se dirigem não apenas aos combatentes nas trincheiras, mas que não devem ser esquecidas pelos cidadãos quando, terminada a luta, houveremos de consolidar na paz as conquistas da guerra.

O JORNAL DAS TRINCHEIRAS confia em que os seus leitores meditem nas palavras que o general Klinger dirigiu á Nação e que foram as seguintes:

«O movimento constitucionalista, iniciado a nove de Julho, em São Paulo e Mato Grosso, é, já agora, um movimento que nenhuma força humana poderá deter, na sua marcha para a victoria.

Decorridos trinta dias da sua irrupção, multiplicam-se os recursos, cresce a vibração civica, augmenta o enthusiasmo, dilatam-se os seus horizontes e, de todas as partes do paiz, as correntes profundas da opinião nacional vêm desaguar neste grandioso estuario da lei, que é São Paulo.

A imaginação mais rica e fantasista jamais poderia bosquejar, em quadro de tão impressionante magnificencia, como o que este grande Estado nos offerece neste momento glorioso de sua vida gloriosa.

Tudo quanto elle houvera accumulado na fartura, tudo quanto criara no trabalho diuturno de varias decadas, toda capacidade de sua producção, a intelligencia, a generosidade, a bravura e a propria vida de sua gente, elle espontaneamente o dá ao Brasil maior, ao Brasil que ha de resurgir dessa convulsão mais forte na sua unidade, na sua força e no seu patriotismo.

Este espirito de sacrificio, que não tem limites, não póde ser e não é alimentado por interesses inferiores, porque só um ideal teria a força catalytica para reunir e solidificar num só bloco os milhões de almas, que se irmanaram nesta causa.

E que ideal é esse? — A restauração da lei. O pallio que abrigará a nação inteira é a Constituição — freio do arbitrio, nume tutelar dos direitos e franquias, condição de progresso, descrime entre a civilisação e a barbarie.

Este movimento não é, como apregoam os arautos da dictadura, nem regionalista, nem seccionista nem militarista.

São Paulo tudo que almejava e que era a sua autonomia, lograra conquistar na praça publica, em 23 de Maio, com o sangue de filhos seus. Lançou-se a esta campanha conscio dos seus riscos e sacrificios, porque enxerga, além das flechas dos seus campanarios, o horizonte da nacionalidade.

S. Paulo é brasileiro, tem orgulho de o ser, sel-o-á sempre e a qualquer preço. A nossa guerra não é um fim; é um meio de restabelecer a paz. Cidadãos livres e soldados conscientes jamais se poderiam resignar á condição de escravos, jamais poderiam permittir que se consumasse, impunemente, o crime de reduzir o Brasil a uma senzala.

Militarista tampouco é. Queremos um exercito plasmado no espirito de brasilidade, nobre, disciplinado, efficiente, adstricto apenas aos deveres da classe, alheio ás competições partidarias, sobranceiro ás intrigas, indemne ás paixões mesquinhas. Queremos um exercito synthese das forças vivas moraes e materiaes da nação. Não é militarista porque — facto inédito na historia das revoluções, o governo civil foi instaurado num dos Estados em guerra e mantido integralmente noutro. Militarista não será porque, se de nada valer o meu, valerá como fiador, o passado dos meus companheiros de armas.

Partidario tambem não é. Não teve nas suas origens, não tem no seu desenvolvimento, não terá no seu desfecho nenhum cunho partidario, a marca de nenhuma facção. Nenhum interesse de grupo, nenhum prestigio individual, poderá turvar a pureza crystallina de onde elle promana. E se alguem o tentasse fazer, ahi estaria essa mocidade radiosa das escolas, que verte o seu sangue nas trincheiras; ahi estaria a flôr do exercito e da Força Publica, ahi estariam as classes conservadoras, unanimes no seu concurso á causa, ahi estariam as proprias senhoras paulistas, tão heroicas na sua abnegação, ahi estaria, em summa, o povo, para impedir o attentado e fulminal-o com a sua condemnação. Não o desencadeou a ambição de politicos. As agremiações partidarias canalisaram-no. Se o não houvessem canalisado, teriam sido envolvidas, e se houvessem tentado desvial-o, teriam sido submersas pela torrente da opinião publica.

O movimento é brasileiro e visa a reimplantação do paiz no regime da lei.

Antes de appellarmos para a ultima instancia das armas, soffremos, pacientámos, advertimos, renunciámos. Nenhuma solução airosa houveramos repellido.

Dez dias após o triumpho da revolução de 1930, já chamava eu a attenção do governo provisorio para os precalços a que estava, nestas palavras:

> «Aproveito para deixar bem claro que tambem vae longe do meu pensamento a noção, aliás muito vulgarisada, de que só os militares não devem metter-se em politica, donde, possivelmente, o corollario de que só discordo de dictadura militar, julgo que tambem uma dictadura civil é inacceitavel, e creio que commigo pensa toda a Nação.
>
> Nada teria então adiantado a presente revolução nacional: dictadura civil era o que tinhamos até aqui, apenas como mera satisfacção aos immanentes sentimentos de dignidade nacional, mascarada por uma organisação de poderes nominaes em torno do poder realmente unico do presidente da Republica.
>
> Nas primeiras horas da embriaguez do triumpho, todos os brasileiros impõem a v. ex. o mando supremo sobre o paiz; mas mui depressa se dissipam os effeitos daquella patriotica ebriedade e

por muitos modos se ha de manifestar o desapontamento diante da apparente burla, se se verificar que a nova dictadura apenas se distingue da que a precedeu por haver substituido que a exercia e haver dispensado a mascara dos poderes nominaes complementares.

A dictadura, o exercicio do poder por um homem unico, discricionariamente, é um attentado á dignidade nacional, e é praticamente inexequivel, porque não ha, nem nunca houve, nem haverá jamais um homem de tão desmedida capacidade.»

Não fui ouvido. A revolução de 1930, que trazia como bandeira o programma da Alliança Liberal, victoriosa, atraiçoou os seus compromissos mais sagrados. Para os vencidos de 22 e 24, reclamára a amnistia; para os vencidos de 30 instaurou a Junta de Sancções.

Desfraldára os principios de representação e justiça... e despediu a velhos magistrados como se despedem lacaios. E quiz perpetuar-se no poder, impondo ás populações, illaqueadas na sua bôa fé, moços, cuja inexperiencia correspondia á sua bravura pessoal. Prometteu a liberdade de imprensa e a censura nunca foi tão rigorosa, requintando o desvario no attentado ao «Diario Carioca». Acenára-nos com um exercito disciplinado e avesso á politica e, subvertidas todas as noções de disciplina e hierarchia, os militares trocaram a caserna pelo paço das interventorias. Poderiamos ter dito, portanto, como o presidente da França, ao annunciar ao Congresso a declaração de guerra á Allemanha: «Nous sommes sans reproche; nous serons sans peur.» Somos «sans peur e sans reproche». O futuro desta revolução será digno do seu presente. Não importa que nos insultem, nos ameacem e nos calumniem. Vencedores — e a victoria já dealba no horizonte — não exerceremos perseguição contra os que estão defendendo a dictadura. Não dividiremos a nação entre triumphadores, que tudo merecem, e vencido, a quem tudo se nega. Sobre as bases da igualdade, da tolerancia, da justiça e da prosperidade, assentaremos o edificio do Brasil de amanhã.

Attentae para esta affirmação solenne: a espada que se desembainhou em continencia á lei, só se recolherá quando a lei houver sido restaurada.»

PALAVRAS MEMORAVEIS DO PROFESSOR ALCANTARA MACHADO, DIRECTOR DA FACULDADE DE DIREITO

No dia 11 de Agosto ultimo, commemorando a fundação dos cursos juridicos no Brasil, o professor Alcantara Machado dirigiu, pelo radio, á mocidade academica, que toda ella está combatendo nas trincheiras, um discurso, cujo final reproduzimos pela importancia e significação do seu conteúdo:

«Eis ahi o que foi neste anno glorioso de 1932 a sessão commemorativa da fundação dos cursos juridicos, meus queridos discipulos. Discipulos? Não. Porque a vossa attitude em 23 de maio e em 9 de julho inverteu os valores e destituiu de seus cargos todos os mestres. Os unicos professores que hoje existem no territorio nacional, sois vós e os vossos companheiros de armas. A trincheira é a vossa cathedra. E o Brasil inteiro está aprendendo comvosco: o Brasil sitiado pelas trévas, amordaçado pela censura, emasculado pelo horror das responsabilidades é o Brasil que para a vossa victoria trabalha nas officinas e nos campos, nos hospitaes e nos transportes; o Brasil que em vão procura limpar na bacia de Pilatos as manchas do sangue do Justo, e o Brasil que vos ajuda a carregar a cruz do sacrificio. Com o coração dilatado de orgulho e os olhos rasos de lagrimas, em nome da Faculdade de Direito, eu vos saudo, nesta hora em que fazeis á patria a oblação sublime de vossa vida, meus jovens professores de bravura consciente de dignidade civica e de heroismo!»

CONTRIBUIÇÃO DOS EXTRANGEIROS

As colonias extrangeiras domiciliadas em S. Paulo que vêm assistindo, como espectadoras, ao empolgante movimento de opinião publica pela constituinte brasileira, num bello gesto de solidariedade humana, têm-se occupado activamente em organizar diversos serviços de caridade e soccorros aos combatentes e ás suas familias nesta capital. Diariamente, a nossa imprensa, registra os valiosos donativos que têm sido feito, quer em dinheiro, quer em generos de primeira necessidade ou em materiaes de cirurgia e tratamento de feridos. Ainda ha dias, a Companhia Antarctica fez a entrega de cinco ambulancias offerecidas pela colonia allemã á Cruz Vermelha Brasileira. Já anteriormente, a colonia americana havia feito o donativo áquella mesma instituição de uma ambulancia completa. As offertas individuaes de quantias em dinheiro para a acquisição de capacetes de aço têm, tambem, sido numerosas.

CARTUCHOS DE GUERRA

As autoridades militares recommendam insistentemente a todos os briosos soldados constitucionalistas que não se despojem de suas munições de guerra, offertando cartuchos e outros objectos indispensaveis á campanha a senhoras e senhoritas que lhes pedem, como recordação. Lembrem-se que as munições de guerra são o elemento mais efficaz de que dispõem para a defesa da sagrada causa nacional e não devem, sob nenhum pretexto, serem desviadas dos fins a que são destinadas.

NOTICIAS DO RIO

As noticias que nos trazem todas as pessoas que ultimamente têm vindo do Rio de Janeiro são unanimes em nos afirmar que a população carioca, em sua quase unanimidade, está com a causa que S. Paulo defende e aspira á vitoria do Exercito Constitucionalista. Vê-se entretanto inibida de coadjuvar-nos, de colaborar comnosco, em virtude das medidas de tiranica opressão policial que foram postas em execução depois das manifestações promovidas pelo povo carioca nos primeiros dias deste mês.

As ruas centrais da cidade estão transformadas em verdadeira praça de guerra, com contingentes de prontidão em todas as esquinas, com metralhadoras em todos os pontos estratégicos. O policiamento é feito por tropas de confiança da ditadura, estando retidas nos quarteis aquelas sobre cuja fidelidade paira a sombra duma suspeita. Nas ruas, nos cafés, nos hoteis, nas casas de pensão, está derramado um exercito de beleguins que coibem violentamente todas as manifestações de opinião. As prisões estão repletas. O povo vive sob o regimen da delação. Os jornais, sob uma censura ferrea, só publicam noticias favoraveis á ditadura, entretecidas com mentiras transparentes. A população disputa os boletins mimeografados que circulam clandestinamente com informações sobre o movimento constitucionalista.

E' evidente que, quando um governo se vê forçado a recorrer a medidas dessa ordem para se manter, já não se poderá sustentar no poder por muito tempo. Os membros do governo, ao que sabemos, já cogitaram da conveniencia de transferir a capital do país para uma outra cidade.

Observou-se nestes ultimos dias que o capitão João Alberto, chefe de policia, já não ostenta a confiança insolente que aparentava, mas tem se mostrado apreensivo e abatido. Em toda a parte onde aparece, o chefe de policia encontra sinais evidentes da repulsa que inspira á população.

E' a impressão de todos que têm observado o Rio de Janeiro nestes ultimos dias, que no momento em que encontrar o apoio dum corpo de tropa regular, a população inteira se levantará, num movimento irresistivel, para derrubar a ditadura.

NOTICIAS MILITARES

As noticias que as autoridades militares têm recebido de todos os sectores do Exercito Constitucionalista são das mais animadoras. Em todas as frentes de combate as nossas tropas conservam vantagens sobre o adversario.

O estado moral das nossas forças é dos mais elevados e não poderia ser diverso neste estado de animo de soldados que se batem por um ideal.

As operações militares em todas as frentes, norte, fronteira de Minas e sul do Estado, se desenvolvem de acôrdo com os planos e projetos dos respetivos Estados maiores. Depois do combate de Eleuterio, de que os comunicados oficiais já deram pormenorizada noticia, nenhuma outra ação de importancia se desenvolveu nos ultimos dias. Têm-se verificado numerosos encontros de patrulhas e escaramuças de que resultou o aprisionamento de soldados inimigos.

Foi repelido vitoriosamente, com sensiveis perdas para o adversario, um ataque por este tentado contra as nossas posições em Cunha. Outros assaltos foram tambem rechassados em varios pontos.

Na frente sul, as condições são consideradas excelentes pelas autoridades militares.

MOBILIZAÇÃO CIVIL

Verificou-se na Guerra Europea que para cada soldado que se achava entre as tropas combatentes, era necessario mobilizar na retaguarda cinco civis, afim de alimentá-lo, vesti-lo, municiá-lo, armá-lo, manter o serviço de comunicações e transportes, conservar enfim a eficiencia da tropa. Na guerra moderna, esta mobilização civil é uma das condições essenciais e imprescindiveis para que se possam efectuar normalmente as operações militares.

Quando se fizer a historia da Revolução Constitucionalista e fôr possivel conhecer, em todos os seus pormenores, a mobilização civil de S. Paulo, esta causará maravilha pela rapidez com que foi realizada, pela sua organização e eficiencia. Todos os abundantissimos recursos de S. Paulo, desde a sua fortuna publica e privada, até o seu poderoso parque industrial, desde as suas instituições de cultura scientifica até a sua rêde de viação, tudo foi posto ao serviço da guerra. Com esses recursos, o que não possuiamos foi criado; o que não tinhamos, fabricamo-lo; desde o equipamento até as munições de guerra, desde os capacetes de aço até as viaturas de campanha.

Por traz das nossas tropas que se acham nas trincheiras, toda a população civil de S. Paulo, mobilizada para a guerra, disposta a todos os sacrificios que se fizerem necessarios, congrega e coordena os seus esforços, as suas capacidades e os seus recursos para manter a eficiencia dos nossos soldados e para dar-lhes o relativo conforto fisico e moral compativel com as condições da campanha.

Em S. Paulo, soldados e civis, em admiravel unanimidade, concorrem hoje para um só fim: Apressar a vitoria.

A VOZ DAS TRINCHEIRAS

O JORNAL DAS TRINCHEIRAS receberá com todo o carinho e estudará com a maxima atenção as sugestões, ideas, lembranças e observações que lhe quiserem enviar os nossos soldados que se acham nos varios sectores de combate. Reclamações ou queixas sobre lacunas e imperfeições dos serviços civis serão prontamente encaminhadas ás autoridades competentes.

EXPEDIENTE

O JORNAL DAS TRINCHEIRAS será publicado aos domingos e quintas-feiras e será distribuido directamente entre as tropas constitucionalistas, nos varios sectores, pelos delegados da Liga de Defesa Paulista.

Toda correspondencia deve ser dirigida á séde da Liga, á rua Barão de Itapetininga, 6 — S. Paulo.

A GUERRA ESTÁ GANHA

«Sustentar o fogo, que a Vitória é nossa!» Esta ordem de comando, na sintese energica da linguagem militar, condensa o momento atual.

A guerra, esta guerra em que nos empenhamos pela lei e pela ordem, está virtualmente ganha. Os louros da vitória coroarão em breve as nossas forças que nas trincheiras do norte, do sul e de oeste sustentam o embate das hostes inimigas. A ditadura não poderá mais se sustentar, nem em face da opinião nacional, nem diante do mundo. Sem força moral que justifique o seu empenho em conservar o poder, privada de todos os recursos, pelo exgotamento daqueles de que dispunha e pelo estancamento das fontes de que os retirava, divorciada do sentimento nacional, a ditadura está condenada e vencida.

Basta a nossa resistencia ás suas investidas, tanto ás investidas armadas, nas frentes de combate, como ás investidas criminosas dos seus agentes e ás sinuosas tentativas da sua diplomacia aldeã, basta a nossa resistencia para desconjuntá-la e pô-la por terra. A ditadura não poderá viver sem o apoio moral da consciencia publica, sem os recursos materiais de que a revolução a priva, sem a confiança das mais nações do Ocidente. E de tudo isto ela se vê despida pela nossa resistencia.

A nossa vitória está ao alcance da mão. E', na peior das hipóteses, apenas uma questão de tempo, porque o tempo é nosso aliado e combate por nós contra os nossos inimigos.

A's nossas tropas que se acham nas trincheiras, a essa fraternidade augusta dos campos de batalha, ci-

mentada mais pelo ideal do que pela comunidade do perigo, e que irmana para um mesmo objectivo soldados dos regimentos do Exercito, soldados dos batalhões da Força Publica e soldados dos corpos de voluntarios que em S. Paulo se arregimentaram, todos iguais no ânimo, no desprendimento, na abnegação, cabe a tarefa suprema de restituir a liberdade ao Brasil. E' pela sua resistencia infrangivel, pela sua constancia no sacrificio, pela sua resolução inabalavel de redimir a terra em que nascemos, que ha de ser conquistada a vitória e restituida a paz ao Brasil.

Porque nesta guerra não pode haver paz sem vitória. Esta é a vontade das trincheiras.

A guerra está ganha. E quem a vence é o soldado humilde e anônimo que no desconforto das trincheiras expõe abnegadamente a vida por amor dum ideal e brada á ditadura: «O Brasil será livre, porque aqui estamos para morrer pela liberdade da Patria!».

E este é o ânimo de cada um dos soldados que formam nas fileiras do Exercito Constitucionalista.

AS ADESÕES

A causa sagrada que S. Paulo defende, está provocando pelo Brasil inteiro movimentos parciaes, e mesmo individuaes de revolta contra a Dictadura. A bandeira de guerra por nós desfraldada, com o indispensavel e poderoso auxilio do Exercito Nacional, e da Força Publica do Estado, teve o dom de mostrar nitidamente aos brasileiros, o regime de deshonra publica e de escravidão, a que a Dictadura reduzira o Brasil. Assim, a causa de S. Paulo tornou-se a causa do Brasil, e todos os brasileiros conscientes da nacionalidade aderiram á nossa guerra.

São já incontaveis as adesões de toda especie que temos recebido de todo o Brasil. Mas si entre nós, desde que proclamamos a Pedro de Toledo, governador do Estado, estamos vivendo num regimem de justiça e de liberdade feliz, por todo o resto do paiz reina o terror e a oppressão, a ninguem sendo mais dado manifestar a sua opinião. Assim mesmo, homens illustres pela posição e prestigio, não temem advogar a nossa causa noutros Estados, trazendo-nos assim, o seu apoio moral. São já notorios o telegramma de Mario Brandt ao presidente Olegario Maciel, e o manifesto de Artur Bernardes ao povo mineiro, em que o prestigioso chefe politico afirmou abertamente á Federação, que em São Paulo estava congregada agora a alma civica do país.

Outros brasileiros porém, não contentes em trazernos o seu apoio moral, passam-se para o nosso lado, fazem mesmo viagens arriscadissimas e verdadeiros átos de heroismo, para virem a S. Paulo e aqui alistar-se nos batalhões constitucionalistas. Nestes ultimos tempos, então, quasi não se passa dia sem que novos brasileiros surjam dos esconderijos das selvas, dos vales, das praias por onde viajaram, em busca da nossa terra, para lutar junto de nós.

No dia nove deste mês ainda apresentaram-se ao Q. G. da Segunda Região Militar, três sargentos e 14 praças do 3.º R. I. da Praia Vermelha, trazendo muita munição e três fuzis metralhadoras. Nesse mesmo dia, por outras estradas, chegaram ainda dois alunos do Colegio Pedro II, do Rio de Janeiro.

No dia 10, o sargento Ariston de Oliveira, aqui chegado, referia ao «Diario da Noite» que o general Góes Monteiro mantinha impedidos no seu Q. G. de Barra Mansa, farto numero de oficiais, certo de que si os mandasse á frente comandar tropas ditatoriais, elles se bandeariam para o nosso lado. Provavelmente com os seus comandados tambem...

No dia 11, era um dos prisioneiros da frente norte que declarava á «Folha da Noite» que «ser feito prisioneiro pelos constitucionalistas, foi para mim uma verdadeira salvação». Nesse mesmo dia, chegaram mais cinco rapazes, pelo litoral. Um destes, Nazianzeno Pedro de Oliveira, vinha de Porto Alegre! Ainda no mesmo dia apresentavam-se ao comando militar da praça de Santos mais nove marinheiros, que estavam na base de aviação nval estabelecida em Bocaina, e que se tinham sentido chamados para S. Paulo, no cumprimento do dever.

No dia doze, o general Klinger recebeu o seguinte telegrama: «Cumprimento cordealmente o meu general. Dentro em breves horas estarei junto ao bravo povo paulista sob o commando de v. exa. que heroicamente se bate por uma causa absolutamente nacional e que faz pulsar os corações de todos os que desejam uma patria livre, grande e acreditada. São meus companheiros de viagem através do sertão paranaense, o dr. Marins de Camargo, Affonso Moreira, Giberto dos Santos, major Manock de Lima e capitão Miguel Savas, Tenente Flodoardo». E o «Correio de São Paulo» anunciou hoje (13) que chegaram ontem do Rio numerosos oficiaes do Exercito, do Paraná varios civis, e em Santos mais um pugilo de marinheiros.

E assim, dia a dia, brasileiros de todas as partes do paiz, estão chegando para reforçar as nossas hostes e confortar o nosso espirito com o suave carinho da fraternidade. Não nos enrijam a firmeza de animo porquê desde o principio estamos decididos a tudo e nem por um momento a nossa vontade arrefeceu. Nem arrefecerá. Mas nada mais puramente grato e consolador, a nós, brasileiros de São Paulo, do que sentir que outro brasileiros pulsam comnosco pela causa, que fizemos nossa. E que muitos desses brasileiros, não contentes em nos dar o seu apoio moral, exigem de si mesmos, compartilhar dos sacrificios, que fizemos nossos. Gente brava, gente heroica, gente nobre. Gente como nós.

LIGA DE DEFESA PAULISTA

Quasi todos os diretores da Liga de Defesa Paulista se incorporaram ao 1.º batalhão por ela organizado e se acham presentemente nas trincheiras, combatendo.

Os que não estão nas trincheiras, prestam serviços de ordem tecnica. Por isso a Liga de Defesa Paulista está sendo dirigida, neste momento, por uma diretoria provisoria, mas que foi escolhida pelos que partiram para a zona de guerra.

INTERESSES ESTRANGEIROS

Estamos informados de que entre as colonias estrangeiras de S. Paulo está sendo levantada uma estatistica dos interesses de emprezas estrangeiras, cujos capitais estão empregados em nosso Estado, prejudicados pelo bloqueio do porto de Santos, decretado pelo governo ditatorial.

Ao que nos consta, terminado este trabalho de estatistica, os representantes dos interesses prejudicados pensam em promover uma reunião coletiva para estudar a possibilidade duma intervenção conjunta do corpo diplomatico afim de que o porto de Santos seja franqueado ás embarcações estrangeiras que o procuram com objetivos puramente comerciais.